ISBN Nº: 978-65-89908-84-5

MODOS DE RESISTÊNCIA: A POSSIBILIDADE DE DAR NOVAS CORES A SI

XXII ENCONTRO REGIONAL DA ABRAPSO MINAS GERAIS: Produzindo vozes em tempos de necropolítica, 0ª edição, de 04/09/2021 a 07/09/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-84-5

RAMOS; Waldenilson Teixeira [1], COSTA; Pedro Paiva Moscarde da [2]

RESUMO

A história do Brasil pode ser contada à verde e amarelo - à luz de uma certa ordem e de um determinado progresso. Todavia, longe de uma visão idealista do progresso, o que resta para muitos de nós é contar uma história tingida de preto e vermelho - dando notoriedade a brutalidade advinda da invenção da raça e das políticas coloniais e escravocratas. Marcas de uma lógica colonialista e escravocrata estampam a memória brasileira. Nessa mesma construção, a sociedade atual parece não poder ser outra, com o país apresentando o racismo como engrenagem principal de uma máquina mortífera, que tem como alvo maior uma etnia, raça e gênero. Silvio Almeida disserta, na obra Racismo Estrutural, que o racismo no Brasil é necessariamente estrutural - o racismo não se encontra apenas nas instituições ou nas expressões individuais, mas está impregnado em todas as relações, sendo uma das engrenagens centrais na lógica capitalista. Assim, o racismo não cabe nos moldes da patologia ou da falta de esclarecimento, mas é a condição primária que atravessa todas as pessoas - é, inexoravelmente, estilo de vida. Todas as linhas constitutivas da nação fazem curvas, atravessamentos e voltas a si no novelo de raça, classe e gênero. Nesse emaranhado de travessias, sempre segmentares, vemos linhas rígidas que nada desejam passar, linhas flexíveis prontas a axiomatizar e linhas que vazam da configuração do emaranhado - linhas de fugas. Enquanto resquícios dessas linhas, parece que o único vetor possível é o da repetição: como sujeitos localizados na cultura machista, racista e classista, o que aparentemente se apresenta a nós é reiterar o desejo de aniquilamento da diferença. Todavia, interessados em puxar as pontas soltas para expandir o novelo de subjetivação, temos como aposta fundamental procedimentos de confecção estética de si para propor modos éticos, clínicos e políticos, para se pôr de forma outra no mundo. Frente a uma constatação de rigidez de si e o perigo de se viver uma militância triste, nos implicamos a disputar existências possíveis. Assim, nosso trabalho de pesquisa se endereça as linhas de fugas e se engendra nas tecnologias ontológicas de si. Para tanto, colocamos em análise crítica as investigações de Michel Foucault sobre as noções de cuidado de si e escrita de si, em história da sexualidade. Essas duas ferramentas ontológicas de si nos fornecem procedimentos de *ethos poésies*. Neste movimento de tomar a vida para si como uma obra de artes, abre como horizonte de possibilidade a disputa no campo da micropolítica, tomamos a vida como *devir*. Portanto, este trabalho dará notoriedade às lutas contra o fascismo e, principalmente, ao microfascismo que se fazem contínuos em nossas

[1] Graduando de Psicologia (UFF), waldenilsonramos@id.uff.br
[2] Graduando de Psicologia (UFF), paivapedro@id.uff.br

vidas cotidianas e como podemos nos apropriar das tecnologias de si como ferramentas de combate a política e ao desejo de aniquilação do outro e de si.

PALAVRAS-CHAVE: Resistência, Escrita de si, Micropolítica

[1] Graduando de Psicologia (UFF), waldenilsonramos@id.uff.br
[2] Graduando de Psicologia (UFF), paivapedro@id.uff.br